

BETAR & ARTES E FESTAS



festa!

Não se pode falar em Junho sem pensar
em Festas de Lisboa!

B
Betar

ENTREVISTA
ARO.
BAK GORDON

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Não se pode falar em Junho sem pensar em Festas de Lisboa! Voltam as sardinhas, os arraiais, os inúmeros eventos espalhados por toda a cidade. Do fado ao teatro, das exposições às marchas populares, elevam-se as raízes culturais da capital, entre os dias 1 e 30 de Junho.

Mas a cidade não se esgota no programa organizado pela Câmara Municipal. Há espaço para receber os Maroon 5, no Meo Arena, para fazer uma homenagem à cultura cabo Verdiana, no Centro Cultural Olga Cadaval, para regressar ao Meo Out Jazz, e nunca é demais ouvir Rodrigo Leão, desta vez no Oceanário de Lisboa.

Quanto ao teatro, D. Afonso Henriques e Fernando Pessoa são as personagens em destaque nos palcos d'A Barraca e do Teatro Nacional D. Maria II.

Outras propostas a não perder são as exposições patentes na Casa da Cerca e no Museu Berardo. Este mês, oito artistas portugueses foram convidados a apresentar obras sobre o tema viagens e José Berardo decidiu expor uma seleção de obras da sua coleção.

No Porto “Vamos lá então perceber as mulheres...mas só um bocadinho” é a peça em cena no Teatro Nacional Sá da Bandeira; o Festival Caixa Ribeira leva 40 fadistas à cidade e as Tapeçarias de Portalegre estarão em exposição no Mercado Bom Sucesso.

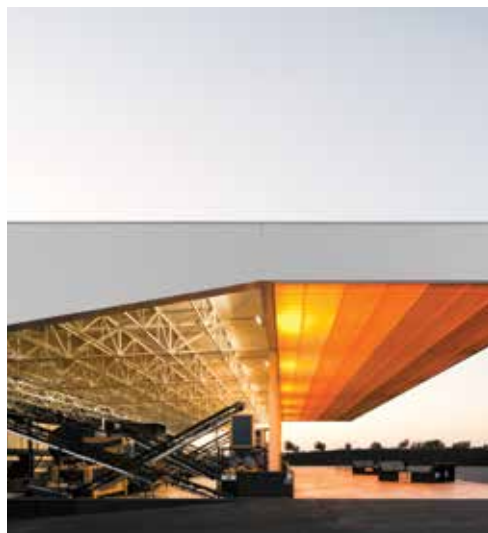
Em relação ao entrevistado desta edição, chama-se Ricardo Bak Gordon. Muito agradecemos a sua colaboração e a forma como nos recebeu no atelier para nos falar do seu percurso profissional.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘A arquitetura precisa de tempo. Estamos a transformar um lugar e parece que não se compreende que é preciso tempo para pensar. A arquitetura requer serenidade, não pode ser eufórica.’

O arq. Bak Gordon.

Por Cátia Teixeira



Lagar Oliveira da Serra



Escola Secundária Garcia de Orta

Queria perceber como foi o seu percurso. Sei que tem uma paixão pelo desenho, até expos alguns recentemente. Foi isso que o fez escolher arquitetura?

A decisão de fazer arquitetura surgiu por me ter deixado sugerir por duas ou três obras, quando andava no liceu, a Fundação Gulbenkian e uma casa modernista dessa época, anos 70. Lembro-me que, de um momento para o outro, eu, que até tinha interesses noutras áreas, como coisas mecânicas e elétricas, comecei a desenhar casas. Fui estudar para a António Arroio, em 1983, 84, uma escola secundária vocacionada especialmente para as artes, e deixei-me envolver muito em temas como arte, cinema, arquitetura... E depois preparei-me para a universidade. Não entrei em Lisboa, por três décimas. Fui parar ao Porto, o que foi uma alegria porque a escola de Belas Artes do Porto era um universo extraordinário, numa cidade incrível, onde havia uma grande intimidade com colegas e professores. Na disciplina de Desenho, o meu professor foi o escultor José Grade, figura mítica do curso e da escola, que nos envolvia naquela arte de desenhar, como se fosse uma linguagem, que é de facto. O processo era louco,

desenhávamos sem parar, dia e noite. Aí é que o desenho passou a ser muito importante no meu modo de trabalhar, de investigar o processo do projeto. Regressei a Lisboa, no fim do primeiro ano, e comecei a fazer desenhos de maior dimensão, mais expressionistas, como parte do meu trabalho. Foram esses trabalhos que estiveram agora expostos na Galeria João Esteves de Oliveira. Entretanto ainda passei pelo Politécnico de Milão. Naquela altura havia muito pouca informação em Portugal sobre arquitetura, não havia conferências, não passava por cá quase ninguém, havia poucas publicações. E por isso valeu sobretudo pelo que absorvi à volta das aulas, pelas pessoas que conheci e pelo facto de ter viajado muito.

Li algures que não considera que os arquitetos sejam artistas. Como define a sua forma de fazer arquitetura?

Nós, arquitetos, temos um conhecimento peculiar, no sentido em que vamos respondendo a equações, que têm normalmente um lugar e um programa, que são sempre muito distintos, e por isso a nossa preparação, técnica e pela forma de olhar o mundo, convoca o conheci-

mento e as pessoas indispensáveis para dar a resposta. É claro que temos uma sensibilidade particular, e talvez aí queiram confundir com o artista. Podemos aqui usar três palavras: arte, ciência e técnica; ou seja, uma visão poética do mundo, sem a qual é impossível fazer qualquer proposta de transformação dos lugares; o conhecimento técnico, para que as coisas possam acontecer; e a visão científica, o conjunto de saberes que devem ser convocados para responder às solicitações. É o que fazemos: lideramos equipas e tentamos contribuir para uma transformação em contínuo, muito mais do que a tentativa obstinada de ser diferente ou de querer “inventar o mundo todas as segundas-feiras de manhã”. O que é necessário é contribuir para um território que está sempre em transformação, num processo de indução.

Houve alguma reação aos seus trabalhos que o tenha surpreendido muito?

Recordo principalmente os comentários nas comunidades em que se integram. Por exemplo, no Lagar Oliveira da Serra, no Alentejo, as pessoas disseram que nem parece uma



ENTREVISTA

fábrica mas um centro cultural. Mas também me lembro quando fiz, com a BETAR, a Escola Secundária Garcia de Orta - que tem uma estrutura pré-esforçada extraordinária, da autoria do Eng. Miguel Vilar - dizia-se que as pessoas tinham medo de ir para debaixo da praça coberta, porque era assustador estar debaixo de uma massa imensa sem apoios visíveis, até que perceberam que aquilo nunca lhes iria cair em cima...

É professor no Instituto Superior Técnico. O que lhe oferece essa experiência?

Obriga-me a estar ativo no modo de olhar as hipóteses de transformação. Gosto de ajudar a conduzir processos interiores de investigação, mais do que impor uma forma de fazer. Prefiro que as pessoas encontrem uma motivação para a transformação, para depois as apoiar com a minha experiência. É muito estimulante, porque há abordagens muito distintas. Mas também tenho aulas fora. Este ano estive a fazer um semestre em Barcelona e no próximo vou para Harvard. É interessante encontrar alunos de várias geografias e poder perceber o que eles têm de comum e de diferente, o que me obriga a reagir ao que vou encontrando. Engraçado é que temos a tendência para dizer que não há uma arquitetura de Lisboa ou do Porto, mas não é bem verdade, porque as escolas ainda têm muito peso.

Sente que os arquitetos têm hoje de fazer mais com menos?

Sem dúvida. Hoje a encomenda é muito restrita e há muitos arquitetos. Depois, a arquitetura não conseguiu prestigiar-se para manter uma certa dignidade na sua prática e nos honorários. E ainda há a questão dos prazos. Talvez pelo pouco respeito pela atividade, acaba por ter de se tomar decisões muito depressa;

ainda agora acabei de entregar um projeto para uma praça que, se calhar, quando for construída, vai lá ficar 100 anos, e para a qual tive de ter uma ideia numa semana. A arquitetura precisa de tempo; é preciso tempo para experimentar, para voltar atrás, para refazer. Estamos a transformar um lugar e parece que não se compreende que é preciso tempo para pensar, sob pena dos lugares ficarem descaracterizados. A arquitetura requer serenidade, não pode ser quase eufórica.

Em relação à Estratégia Nacional para Habitação. Concorda que é uma mais valia a forma como se propõe recuperar os prédios devolutos de Lisboa?

Acho que tem de haver legislação que impeça que os proprietários não cuidem do seu património. A posse de um edifício não se esgota aí, ele faz parte de um tecido urbano que é de todos, está numa cidade, num lugar público, e nesse sentido tem de haver regulação. Não sei se é ficando na posse da Câmara ou com outro sistema qualquer, mas arriscamo-nos a ter um dos centros históricos mais devolutos da Europa. Acho que as coisas estão aos poucos a modificar-se. Mas também não se pode só olhar aos prédios, mas às acessibilidades, aos transportes públicos, aos serviços. Não adianta fazer habitação nos centros e depois tirar os hospitais para a periferia, as universidades para os campus, esvaziando as cidades de atividades que sempre lhe deram significado. É preciso preservar o património edificado, mas que as outras virtudes e valências acompanhem. E isso parece-me estar a começar a ser feito. Percebi agora que há vontade de concentrar os transportes todos de Lisboa numa só autoridade, não pode ser cada um a tratar dos seus assuntos. Mas fico satisfeito por haver quem se preocupe com o nosso património.

BETAR

A BETAR tem no seu currículo vários edifícios escolares. Este foi mais um desafio no âmbito da Parque Escolar, no qual foram feitas intervenções e a construção de um edifício novo



A BETAR foi a empresa responsável pelas fundações, estruturas e sistemas de águas e esgotos da escola Garcia de Orta, em Aldoar, no concelho do Porto. Foram realizadas intervenções estruturais e ampliações em três pavilhões existentes - garantido a satisfação das atuais exigências de conforto, segurança e acessibilidade - tendo sido contemplada ainda a construção de um edifício novo - onde funcionam os laboratórios, biblioteca, bar de alunos e sala polivalente - e de um ginásio, bem como o arranjo exterior de toda a envolvente, nomeadamente as zonas de lazer. O edifício novo, em betão armado e pré-esforçado, é um conjunto de três volumes interligados de comprimento superior a 125 metros, sem junta de dilatação. O volume do meio, com 33 metros de comprimento, 16 metros de largura e 3,5 metros de altura, está suspenso a uma altura de 3 metros acima da cota do piso térreo, constituindo um pátio coberto, sem apoios intermédios; assim, as duas vigas de fachada vencem vãos de 33 metros, simplesmente apoiadas em consolas de 6 metros.

Escola Secundária de Garcia de Orta, Aldoar, Porto, Portugal

Projeto: 2008

Obra: 2009-2010

Área bruta

de construção:

Reabilitação: 7611m²

Nova: 5083m²

Dono de Obra:

Parque Escolar

Arquitetura:

Bak Gordon

FESTAS DE LISBOA

Com o cheiro a verão no ar, Lisboa vira festa. As noites são animadas pelos arraiais nos bairros típicos, com música e dança ao ritmo das canções populares. As ruas, cheias de cor, são invadidas pelas sardinhas assadas e manjericos. As Festas de Lisboa enchem de animação todos recantos da cidade e trazem à rua milhares de pessoas. Eventos diversificados, do fado ao teatro, das exposições às marchas populares, elevam as raízes culturais da capital, entre os dias 1 e 30 de Junho



Projetos e Exposições Em Junho

Andar em Festa

Este projeto resulta de um desafio lançado ao público para intervir em locais singulares: as escadarias da cidade. As propostas vencedoras vão invadir as escadas de Lisboa com música, instalações e intervenções de arquitetura. Nos dias 4, 11, 18 e 25 de Junho, o Aqueduto em Festa convida a um percurso pelas galerias subterrâneas do Aqueduto das Águas Livres, conduzido pelas vozes do Coro do Tejo.

A minha vida dava uma sardinha

Em Junho, Julho e Agosto

Em cinco anos, o concurso das sardinhas recebeu mais de 25 mil propostas, vindas dos quatro cantos do planeta. A Sardinha tornou-se um símbolo das Festas de Lisboa. Este ano, a partir do mote “A Minha Vida Dava uma Sardinha” descobrimos as personalidades de cada uma, na Galeria Millenium.

Música

Lisboa Mistura

De 17 a 21 de Junho

Neste festival, a música do mundo mistura-se com Lisboa num diálogo intercultural de experiências. Assim, no Largo do Intendente poderemos ouvir: Ibíbio Sound Machine (18 de Junho); Felix Kubin and Mitch & Mitch e Kuenta i Tambu (19 Junho); Alsarrah & the Nubatones e Vieux Farka Touré (20 Junho); Tomoro + Seiwa Taiko e Hugh (21 Junho).

Fados e Tudo

Dias 18, 19 e 20 de Junho

No São Luiz Teatro Municipal, dia 18 há um concerto de Ricardo Ribeiro e Rabi Abou-Khalil; dia 19 de Celina da Piedade e Peña Kalimotxo; e José Manuel Neto com Mariza e Camané; e dia 20 de Jorge Palma e Aldina Duarte.

Com'Paço VIII

Dia 27 de Junho

As bandas filarmónicas têm um papel funda-

mental na formação musical do país. Este festival é dedicado a estas formações que, todos os anos, trazem o seu imponente som aos jardins e praças da cidade. Na sua 8.ª edição, tocam no Rossio e nos jardins de S. Pedro de Alcântara e S. Bento 400 jovens músicos oriundos de diferentes localidades do país.

Voz e Guitarra

Dias 3 e 4 de Julho

O mês de comemorações conclui-se com Voz e Guitarra. Dois concertos e dois instrumentos encontram-se em Belém, convidando 26 artistas nacionais a encerrar as Festas de Lisboa'15. No dia 3 Julho atuam David Fonseca, Dead Combo, Filipe Cunha Monteiro, Gisela João, Jorge Palma, Kalu, Luísa Sobral, Luís Represas, Mafalda Veiga, Márcia, Mário Delgado, Norberto Lobo, Olavo Bilac, Tim e António Jorge Gonçalves. E no dia 4 Julho: Ana Bacalhau, Ana Deus, António Zambujo, Carlos Nobre, João Pedro Pais, Luís José Martins, Luís Varatojo, Miguel Araújo, Moz Carrapa, Rita Redshoes, Samuel Úria, Sara Tavares, Sérgio Godinho, Tim, Vitorino e António Jorge Gonçalves

Teatro e Cinema

Teatro das Compras

Dias 18, 19, 20 e 25, 26 e 27 de Junho

Três autores, 11 histórias e 13 intérpretes formam a 7ª edição deste projeto onde os autores criam, a partir das suas memórias e da sua identidade histórica, cultural e comercial, narrativas para 11 lojas da baixa de Lisboa. Atores, bailarinos e músicos dão corpo e voz a esses textos, transformando as lojas tradicionais em pequenos palcos.

CineConchas

De 25 de Junho a 11 de Julho

As noites de cinema ao ar livre estão de volta à magnífica Quinta das Conchas, no Lumiar. A 8.ª edição aposta numa programação eclética e de qualidade. Filmes de géneros, estilos e nacionalidades diferentes atraem um público diverso, amante de cinema, de jardins e da cidade.



Uma banda internacional de sucesso, um músico português de renome, uma homenagem à cultura de Cabo Verde e o regresso do Out Jazz são as propostas de Lisboa em Junho



Maroon 5

Dia 17 de Junho no Meo Arena

CONCERTO

Os Maroon 5 estão a realizar mais uma tournée mundial que passa por Lisboa este mês. Um espetáculo que vem na sequência do seu quinto álbum de estúdio, “V”, que inclui os singles “Maps”, “Animals” e “Sugar”. Com 3 Grammys e mais de 17 milhões de álbuns vendidos em todo o mundo, os Maroon 5 são uma das bandas mais bem sucedidas da atualidade. O concerto conta com a participação dos canadianos Magic!.



Homenagem à cultura cabo verdiana

Dia 19 de Junho no Centro Cultural Olga Cadaval

CONCERTO

A música é o bem cultural maior de Cabo Verde. Este espetáculo pretende celebrar as artes, os compositores, músicos e cantores deste país irmão, cuja riqueza musical será interpretada pelo violino de Tó Barbosa e as vozes de Celina Pereira, Dany Silva e Paló, com a colaboração de outros ilustres músicos ao violino, viola de arco, violoncelo, piano, violão, cavaquinho e percussões.



Rodrigo Leão

Dia 28 de Junho no Oceanário de Lisboa

CONCERTO

Imagine-se a percorrer corredores de um aquário gigante, ao som de um concerto ao vivo, enquanto visita uma exposição. É o que pode encontrar no Oceanário de Lisboa que desafiou Rodrigo Leão a criar uma composição inspirada na exposição “Florestas Submersas” de Takashi Amano. Uma oportunidade única para ouvir o músico num ambiente especial e intimista acompanhado por um sexteto composto para a ocasião.



Meo Out Jazz

Até Setembro em vários locais de Lisboa

FESTIVAL

A 9ª edição do Meo Out Jazz já chegou à capital. A sempre bem recebida iniciativa volta a garantir a presença da odisseia musical nos jardins, praças, miradouros, alamedas e ruas de Lisboa. Perto de celebrar uma década de existência, o evento que detém um lugar de destaque na agenda de residentes e turistas promete dominar o stress citadino com o swing dos acordes do maior festival de música gratuito da cidade.



Concertos e óperas em junho e julho

por António Cabral

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

14/6 às 17 horas (Grande Auditório)

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, com Ana Pereira (vl.) e Mário Pereira (vlc.), sob direção de Michael Zilm, apresenta um programa composto por duas obras de Mendelssohn: “As Hébridas” e a “3ª Sinfonia”; uma obra de Brahms: “Duplo concerto para violino e violoncelo”; e uma obra do jovem compositor português E. Ayres de Abreu em primeira audição. Um programa variado e interessante.

TEATRO THALIA

20/6 às 21,30 horas

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, o maestro Pedro Neves e os solistas A.Tolpygo (vl.), G. Elessine (vlc.), A.Eremine (pn.) e A.Delgado (vla.) interpretam “A abertura Egmont”; o tripo concerto (violino, violoncelo e piano) de Beethoven; e o concerto para violeta e orquestra de Alexandre Delgado. O triplo concerto de Beethoven, de muito boa qualidade, como todas as obras do mestre, e o concerto do Delgado, raramente são tocados em Portugal. A não perder.

FESTIVAIS DE VERÃO

CONCERTOS DA ORQ. GULBENKIAN

28/6 em Moura,

na Igreja de S.João Baptista (Dir. Mc Creesh)

3/7 no Estoril,

no Auditório da Boa Nova (Dir. Pedro Neves)

17/7 em Espinho,

no Auditório da Academia de Espinho (Dir. Pedro Neves)

25 e 26/7 em Marvão,

no Átrio do Castelo (Dir. C. Poppen)



CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

11/7, na Póvoa do Varzim,

na Igreja Matriz (Dir. Corboz)

FESTIVAL CORAL DE VERÃO

De 26 a 29 de Junho

A música coral reúne-se novamente em Belém, no CCB, Mosteiro dos Jerónimos e Museu de Marinha, para cantar a uma só voz, num festival internacional que traz a Lisboa várias centenas de coralistas de todas as partes do mundo.

Ainda não são conhecidos os programas dos festivais de verão que se costumam realizar, anualmente, fora de Lisboa. Eventualmente, alguns não se realizarão este ano. Mas é de ficar atento aos vários festivais que lhe permitem ouvir boa música nas férias: Festival de Música da Póvoa do Varzim; Festival Internacional de Música de Espinho; Festival das Artes de Coimbra; Festival de Música de Leiria; Festival de Música de Alcobaça; Festival de Ópera de Óbidos; Festival de Música de Sintra; Festival Internacional de Música do Estoril.

ARTES

Este mês, oito artistas portugueses foram convidados a apresentar obras sobre o tema viagens e José Berardo decidiu expor uma seleção de obras da sua coleção. A não perder

Casa da Cerca Centro de Arte Contemporânea

Viagem

Até 6 de Setembro

A mostra sugerida apresenta trabalhos de oito artistas portugueses e é composta por obras de pintura, desenho, escultura, instalação e projeção vídeo, evocadoras de vários aspetos das viagens: desde a viagem marítima, à viagem interestelar, passando pela viagem da memória e da própria história da pintura portuguesa. Os oito artistas convidados a embarcar nesta viagem foram: Carlos No, Ema M., Fabrizio Matos, Martinho Costa, Miguel Palma, Pascal Ferreira, Pedro Valdez Cardoso e Rosário Rebello de Andrade. A exposição conta ainda com um núcleo extra: uma criação de dança contemporânea, da responsabilidade da Companhia de Dança de Almada, que criou uma peça coreográfica específica para os espaços expositivos e para o tema, e que terá apresentações a 20 Junho e a 4 de Julho.



Museu Coleção Berardo

O Olhar do Colecionador

Até 27 de Setembro

Esta exposição apresenta uma seleção de obras da Coleção Berardo, escolhidas pelo Comendador José Berardo. Algumas destas obras nunca foram exibidas mas, no seu conjunto, formam uma teia de afetos que nos dá uma visão particular deste monumental acervo.

A coleção do museu define um percurso pela arte do século XX até aos nossos dias, através dos seus movimentos e protagonistas mais significativos. Desde a arte moderna, que se inicia nos primeiros anos do século XX, com rápida e vertiginosa sucessão de vanguardas como o dadaísmo, construtivismo, neo-plasticismo, surrealismo e abstraction-créatio, informalismo, o expressionismo abstrato, a nova escola de Paris, a arte cinética, o grupo zero, o espacialismo, o nouveau réalisme e a pop art.



PORTO

Para ficar a perceber melhor as mulheres, ouvir alguns dos melhores fadistas ou apreciar tapeçaria nacional de referência, aconselhamos a ir até ao Porto este mês. Não se vai arrepender

teatro



Vamos lá então perceber as mulheres... mas só um bocadinho

Dia 26 de Junho, Teatro Nacional Sá da Bandeira

Marta Gautier estreou em Novembro de 2011, no Teatro A Barraca, este monólogo cómico sobre as mulheres e as suas relações, esgotando a bilheteira logo a partir do segundo dia de atuação. Em Fevereiro de 2012 a peça passou para o cinema São Jorge onde o sucesso foi idêntico. Este mês, o monólogo em forma de palestra estará no Porto para dissecar o universo pessoal feminino para que finalmente os homens percebam o que se passa com as mulheres...

música



Caixa Ribeira

Dias 12 e 13 de Junho, Em vários locais do Porto

A cidade do Porto vai ser palco de um grande festival de Fado. Mais de 40 fadistas vão atuar, durante dois dias, em dez palcos na zona da Ribeira. Depois do êxito do formato apresentado em Lisboa, por duas vezes, o Caixa Ribeira levará ao Porto alguns dos mais consagrados fadistas, mas também a nova geração do Fado num cartaz ímpar, com especial atenção para os intérpretes do norte do país.

artes



Nós na Arte

Até 27 de Julho, Mercado Bom Sucesso

Reconhecidas e apreciadas a nível nacional e internacional, as Tapeçarias de Portalegre surgiram na década de 40 do século XX. A tradição dos tapetes da cidade alentejana, que recorre a uma técnica única, partindo sempre da obra de um pintor, impôs-se como um dos produtos culturais portugueses de referência. “Nós na Arte” reúne alguns dos mais notáveis trabalhos de tapeçaria mas é também uma exposição de pintura que junta nomes como Almada Negreiros, Camarinha, João Tavares, Le Corbusier, Susanne Dolesch, John Olsen, Vieira da Silva, Carlos Botelho, Júlio Pomar, Cruzeiro Seixas, Cargaleiro e Menez.

TEATRO

D. Afonso Henriques e Fernando Pessoa são dois nomes maiores da história de Portugal, cada um à sua maneira, logicamente. As peças apresentadas prestam-lhes merecidos tributos



Afonso Henriques

Este espetáculo pretende estudar a figura do nosso primeiro Rei à luz da cultura da sua época mas simultaneamente com os olhos, sensibilidade e cultura dos dias de hoje. Fundar um país nesses tempos, como hoje, implicou guerra, crueldade e injustiças. E também esforço e risco por parte de quem invadiu terras e tomou castelos. Nesta obra, destacam-se dois sinais da personalidade de Afonso Henriques, que pareceram de grande importância: a recusa em pagar a bula ao Papa para ser considerado legítimo fundador de um novo país; e a posição contra o massacre dos mouros em Lisboa, em sinal de respeito pela outra crença religiosa, que deixou, na fundação da nacionalidade, a marca do multiculturalismo.

A Barraca

Até 5 de Julho

Encenação: Hélder Costa

Interpretação: Adérito Lopes, João Maria Pinto, Rúben Garcia, Sérgio Morais e Samuel Moura

Do Desassossego

Baseado no “Livro do Desassossego” do heterónimo de Fernando Pessoa, Bernardo Soares, este é um monólogo interpretado por duas personagens: um ator (Carlos Paulo) e um músico (Hugo Franco). Fernando Pessoa, ele próprio, será um músico sem palavras, que através da execução musical de temas originais, e recorrendo a vários instrumentos, preencherá os silêncios, anunciará as mudanças, marcará os ritmos, qual maestro por excelência dos seus heterónimos. As outras seis personagens que compõem o caleidoscópio de vivências da obra serão representadas pelo ator. Esta peça é uma reflexão sobre um século que teve em Fernando Pessoa um dos maiores expoentes, pela clareza, inteligência e frieza com que soube interrogar-nos.

Teatro Nacional D. Maria II

De 18 de Junho a 12 de Julho

Encenação: João Mota

Interpretação: Carlos Paulo, Hugo Franco



LÁFORA

Fotografias selecionadas entre as melhores do mundo, obras de mais de 25 museus reunidas num só espaço e uma mostra sobre migrações são propostas que pode encontrar fora do país

Museu Picasso, Barcelona

Picasso-Dali, Dali-Picasso

Até 28 de Junho



Esta é a primeira exposição que examina a relação entre duas figuras-chave da arte do século XX, que muitas vezes foram tidas como personalidades isoladas. Na realidade, o contacto profissional entre Pablo Picasso e Salvador Dalí foi significativo. Picasso ajudou Dalí durante os primeiros anos da carreira e ambos responderam simultaneamente aos horrores da Guerra Civil com obras sobre o drama da angústia humana. Esta mostra apresenta pinturas, desenhos, gravuras e esculturas de Picasso e Dalí, de mais de 25 museus de todo o mundo.

MOMA, Nova Iorque

Série Migrações e outras obras de Jacob Lawrence

Até 7 de Setembro

Em 1941, Jacob Lawrence, então com apenas 23 anos, completou uma série de 60 pequenas pinturas sobre a grande migração, o movimento de massas de afro-americanos do sul rural para o norte urbano, que começou por volta de 1915. Poucos meses depois, a série entrou nas coleções do Museu de Arte Moderna e da Phillips Memorial Gallery. O trabalho de Lawrence é hoje um ícone em ambas as coleções, um marco na história da arte moderna.



Museu de História Natural, Londres

Vida selvagem: fotógrafo do ano

Até 30 de Agosto

O objetivo final de um fotógrafo da vida selvagem é destilar a beleza do mundo natural, capturando os momentos mais íntimos, voláteis ou fugazes. Esta exposição apresenta 100 fotografias que realizam esta intenção, selecionadas entre mais de 42 mil imagens de fotógrafos de todo o mundo. Desfrute dos melhores retratos da natureza e veja como os melhores profissionais da categoria inovam a cada ano na forma de contar histórias.



**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

